A Biblioteca Central da UFPB: Memórias

Luiz Antonio Gonçalves da Silva

Luiz Antonio Gonçalves da Silva registra, neste exercício de recordação de sua vida profissional, alguns fatos que marcaram o processo de construção da Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, da qual foi diretor, de 1976 a 1980.

Temos aqui um exemplo do percurso seguido por muitas, talvez a maioria, das bibliotecas universitárias. Criadas como complemento às unidades universitárias que surgiam, muitas vezes dispersas, careciam de uma clara definição de seu papel nas atividades de ensino e pesquisa. Eram bibliotecas departamentais que muitas vezes não estavam submetidas a coordenação. Em 1966, o relatório de Rudolph Atcon, contratado pela Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação, que subsidiou o projeto de reforma universitária de 1968, abriu caminho para a adoção de uma nova abordagem na organização das bibliotecas no ensino superior.

O caso da Biblioteca Central da UFPB, vivido e relembrado por Luiz Antonio, é um dos marcos importantes na história da modernização da organização e difusão da informação nas universidades brasileiras.

A Biblioteca Central da ufpb: Memórias

A Biblioteca Central da UFPB: Memórias

Luiz Antonio Gonçalves da Silva

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

© 2024. Luiz Antonio Gonçalves da Silva.

Mesmo passadas quase cinco décadas, ainda está viva em minha memória meu trabalho na UFPB. Foram tempos de atividades intensas, realizadoras, embalados pelos ideais da juventude. Inspirado no título das memórias do grande escritor colombiano Gabriel García Márquez, *Viver para contar*, decidi relatar aquilo que vivi naqueles tempos.

Agradecimentos. A Leda Dutra, Berta Souto, Ana Maria Uchoa de Castro e Maria Ana Uchoa de Castro pela ajuda na recordação dos fatos aqui narrados. A Antonio Agenor Briquet de Lemos por suas pertinentes sugestões e a edição deste livro.

Capa: Briquet de Lemos / Livros. Motivos das inscrições rupestres da pedra do Ingá, Paraíba, criado pelo artista Raul Córdula para o ex-líbris da Biblioteca Central da UFPB.

Ficha catalográfica
Silva, Luiz Antonio Gonçalves da (1949–)
A Biblioteca Central da UFPB: memórias. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2024.
54 p.
1. Biblioteca Central da UFPB. 2. Bibliotecas universitárias – Brasil – Paraíba. 3. Biblioteconomia. 4. Universidades – Brasil – Paraíba.
ISBN 978-65-89172-07-9
CDD 027.7 CDU 027.7

Endereço do autor;
SHIN – QL 3 - Conj. 4 – Casa 19
Brasília, DF 71505-245
luiz-agsilva@hotmail.com

A minha família, em especial a minha mulher Ubiraci S. Gonçalves da Silva pelo apoio incondicional que perdura até os dias de hoje e que me incentivou a escrever estas memórias.

A todos os bibliotecários e bibliotecárias, auxiliares e funcionários de apoio que participaram do trabalho aqui relatado na Biblioteca Central da UFPB.

Sumário

A UFPB nos anos de 1970, p. 1
O reitorado de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, p. 5
A Biblioteca Central, p. 8
O convite para trabalhar na UFPB, p. 9
O início do trabalho na Biblioteca Central, p. 13
As instalações da nova Biblioteca Central, p. 15
O desenvolvimento do acervo
Os desafios das aquisições bibliográficas, p. 19
A participação em programas de intercâmbio, p. 21
A doação da Universidade de Michigan, p. 22
A coleção Brasiliana, p. 23
A coleção de referência, p. 24

Uma aquisição frustrada, p. 24
A coleção Paraibana, p. 25
Livros expurgados e censura, p. 26
A criação do ex-líbris, p. 27
A iniciativa para a automação dos serviços, p. 28
A instalação da Biblioteca Central no edifício da Reitoria, p. 28
A criação do sistemoteca, p. 32
Atividades da Biblioteca Central como centro cultural, p. 34
O projeto do novo edifício, p. 37
O Instituto Paraibano do Livro, p. 40
Oportunidades para intercâmbios, p. 42
O XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, p. 42
A relação da Biblioteca Central com o curso de biblioteconomia, p. 47
A visibilidade da Biblioteca Central no cenário nacional, p. 47
O espaço cultural de João Pessoa, p. 51
Conclusão, p. 52

A UFPB nos Anos de 1970

No início dos anos 70, as universidades federais brasileiras estavam sob o efeito da reforma administrativa definida pela lei n.º 5 540, de 28 de novembro de 1968.

Conforme o modelo preconizado por essa reforma, entre outras medidas, as antigas faculdades foram extintas e as unidades de ensino agrupadas em centros acadêmicos conforme as áreas do conhecimento e esses formados por departamentos segundo a natureza e afinidade dos cursos.

A figura da reitoria foi reforçada como organismo gestor universitário, auxiliada por pró-reitorias em áreas específicas. Surgiram também os órgãos suplementares, unidades de execução, como a prefeitura universitária, a editora, a biblioteca central, entre outros.

Naquele momento, a Universidade de Brasília (UnB), criada em 1961, continuava sendo um exemplo a ser seguido pelas demais universidades. A UnB representava o modelo de moderna universidade por meio de sua organização institucional nos moldes da reforma.

A UnB implantou o modelo de biblioteca central universitária. Criada no mesmo ano da universidade, em 1962, já adotava o modelo centralizado em oposição ao sistema de bibliotecas departamentais isoladas. O seu edifício definitivo, situado na Praça Maior da universidade, foi concluído em 1972. Logo, tornou-se referência para a construção de bibliotecas universitárias no país.[1] Anexa à Biblioteca Central funcionava a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica, fundada em 1962.

[1] O projeto foi do arquiteto José Galbinski, com a colaboração dos arquitetos Walmir Santos Aguiar, Jodete Rio Sócrates e Miguel Alves Pereira. Assessoram os trabalhos os bibliotecários Antonio Agenor Briquet de Lemos, Edson Nery da Fonseca, Rubens Borba de Moraes e Elton Eugênio Volpini, a partir de programa elaborado pelo dr. Frazer G. Poole, da Library of Congress (EUA) e especialista em arquitetura de bibliotecas, que esteve em Brasília em março de 1967.

A política de ensino superior era conduzida pelo Departamento de Assuntos Universitários (DAU) do Ministério da Educação (MEC). Por meio de diversos programas, o DAU apoiava as universidades na modernização do ensino superior. Entre esses programas destacava-se a Construção e Instalação de *Campi* Universitários sob a responsabilidade da Coordenadoria de Desenvolvimento das Instalações do Ensino Superior (PREMESU). O PREMESU administrava o programa MEC/BID resultante de contrato de empréstimo entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o governo brasileiro para apoiar financeiramente as universidades.

Na área da assistência técnica, atuava a Coordenação de Modernização Administrativa (CODEMOR), que criou ações voltadas para o aperfeiçoamento dos métodos de gestão universitária. Foram instituídos oito núcleos de assistência técnica, os NATs, que apoiavam as universidades por meio de consultorias, cursos e outras ações.

Os NATs atuaram nas áreas de planejamento universitário; planejamento e administração de *campus*; administração

acadêmica; administração financeira e orçamentária; processamento de dados para administração universitária; administração geral; administração hospitalar e sistemas de bibliotecas universitárias. Cada NAT foi instalado em uma universidade que detinha competência reconhecida em cada uma das áreas. Era coordenado por um consultor residente, auxiliado por consultores assistentes.

O NAT/08, Sistemas de Bibliotecas Universitárias, foi instalado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As razões que levaram à escolha da UFPE foram sua reconhecida experiência na área. Data de 1953 o Serviço Central de Bibliotecas, criado ainda na antiga Universidade do Recife. A Biblioteca Central, criada em 1969, exercia a coordenação dos serviços bibliotecários da universidade. Seu edifício, construído no *campus*, através do convênio MEC/BID/UFPE, foi inaugurado em 1974, sendo uma das primeiras edificações levantadas com recursos do empréstimo do BID.

Foi designada consultora residente a bibliotecária Myriam Gusmão de Martins. Zuleide Medeiros de Souza, que diri-

gia a Biblioteca Central, atuou como consultora assistente.

Ainda no campo da educação superior, o MEC contava com a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Era o organismo responsável por um dos itens definidos na reforma: a pós-graduação e a capacitação de pessoal de nível superior e a gestão dos recursos financeiros destinados para esse fim.

É neste contexto que, em 1976, foi iniciado o reitorado do professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque (1932–2011)na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Nomeado em 24 de dezembro de 1975, o mandato estendeu-se de 13 de fevereiro de 1976 a 13 de fevereiro de 1980.

O reitorado de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque

Engenheiro civil de formação, Lynaldo vinha de uma carreira docente e administrativa exitosa na Escola Politécnica de Campina Grande, onde exerceu o cargo de diretor por sete anos. Na área fede-

ral, atuou ativamente no MEC, tendo sido membro do conselho deliberativo da CAPES e diretor adjunto do MEC/DAU. Seu nome já era destaque no meio universitário.

Lynaldo procurou desmistificar o cargo de reitor. Dispensou o tratamento de magnífico, querendo apenas ser chamado de reitor. A notícia chamou a atenção do poeta Carlos Drummond de Andrade, que escreveu uma crônica sobre o assunto publicada no *Jornal do Brasil*, datada de março de 1976. Intitulada *O fim da magnificência*:

> Alguma coisa mudou no Brasil, a julgar pela notícia que vem da Paraíba. Um homem com o direito de ser chamado de magnífico não quer que o chamem tal [...] O reitor da Universidade Federal da Paraíba, Linaldo [*sic*] Cavalcanti, não quis se empilecar com esse vinho capitoso. Pede que o chame, secamente, de reitor. E não é bastante? Reitor: aquele que rege, dirige, a pena retriz que orienta o voo. Sem retórica, sem prosopopeia.[1]

Essa crônica expressou o que foi o reito-

[1] ANDRADE, Carlos Drummond de. O fim da magnificência. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de mar. 1976. Caderno B. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=030015_09&hf=www.google.com&pagfis=71713

rado de Lynaldo: mudança, quebra de paradigmas e o papel que exerceu enquanto reitor: regeu, dirigiu e orientou a universidade para alçar grandes voos.

No início do reitorado, a UFPB contava com vários centros acadêmicos instalados no *campus* de João Pessoa, como o Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN), o Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), o Centro de Ciências da Saúde (CCS), o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), o Centro de Tecnologia (CT), o Centro de Educação (CE) e vários laboratórios. Algumas unidades ainda permaneciam no centro da cidade, assim como a reitoria, instalada em um edifício localizado no Parque Sólon de Lucena, região conhecida por Lagoa. No interior do estado, existiam o Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), em Campina Grande, e o Centro de Ciências Agrárias, em Areia.

A administração de Lynaldo foi caracterizada por ações inovadoras representadas pela expansão dos cursos de graduação e laboratórios em novas áreas do conhecimento, a implantação de programas de pós-graduação e pesquisas, a

consolidação do *campus* universitário de João Pessoa e a interiorização da universidade. Vale ressaltar que o reitor soube como aproveitar o conhecimento e as relações que tinha estabelecido no MEC em favor da universidade. A UFPB era uma das universidades participantes do programa de conclusão de *campi* universitários coordenado pelo PREMESU e também contava com recursos do MEC/BID II para financiamento de diversas atividades.

A Biblioteca Central

Naquele momento, a Biblioteca Central da universidade funcionava de forma limitada, sem exercer protagonismo. Seu primeiro diretor foi o professor Afonso Pereira da Silva, considerado o idealizador de sua criação, que atuou de 1968 a 1975. Fou sucedido pela bibliotecária Maria das Graças de Lima Melo, de 1975 a 1976. Espalhadas pelo *campus* existiam várias bibliotecas ligadas a centros e departamentos, que operavam isoladamente.

Em 1968, por meio de concurso público, foi projetado pelo arquiteto Acácio Gil

Borsoi, carioca e radicado em Pernambuco, um edifício para a sede da biblioteca. Sua construção, localizada no centro do *campus*, foi iniciada, mas encontrava-se paralisada em 1976.

O Convite para Trabalhar na UFPB

De início, a Biblioteca Central foi definida pelo reitor como uma das áreas a ser consolidada e modernizada. Para tanto, foi criada uma comissão diretora da Biblioteca Central sob a presidência do professor José Elias Borges Barbosa, assessor da reitoria, que foi buscar apoio no NAT/08, na UFPE. Com esse objetivo, realizou uma visita à coordenadora do NAT/08, Myriam Gusmão de Martins. Além do pedido de assistência técnica, foi solicitada a indicação de um bibliotecário para assumir a direção da biblioteca.

Aqui abro um parêntesis para informar sobre a minha ligação com o NAT/08 e com Myriam Gusmão de Martins.

Ainda como aluno de biblioteconomia na Universidade de Brasília (UnB), onde ingressei em 1971, fui trabalhar como as-

sistente técnico no antigo Instituto Nacional do Livro (INL). Fui designado para a Assessoria de Biblioteconomia, que era dirigida por Myriam. Naquele momento, estava sendo implantado o Projeto de Treinamento Intensivo de Auxiliares de Bibliotecas (PROTIAB), que realizava cursos em vários estados. Tinha o objetivo de capacitar pessoal leigo encarregado de bibliotecas públicas municipais. Participei ativamente da implantação do PROTIAB, executando a organização do material didático destinado aos locais onde seriam realizados os treinamentos, tendo, inclusive, ministrado um desses treinamentos na cidade de Corumbá, hoje pertencente ao Mato Grosso do Sul. Foi meu primeiro treinamento prático como bibliotecário e que marcou minha vida profissional.

Concluído o curso, em 1973, deixei o INL e fui trabalhar no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), alocado na Secretaria de Planejamento da Presidência da República, como coordenador da Unidade de Documentação da Secretaria de Articulação com os Estados e Municípios (SAREM). Ali permaneci de 1974 a 1976.

Durante esse tempo, além da relação profissional com dona Myriam, como assim eu a tratava, estabeleci com ela um vínculo afetivo que durou até seu falecimento, em 2013.

Em 1976, Myriam, já como coordenadora do NAT/08 e conhecedora do meu desejo de retornar à minha região de origem, convidou-me para atuar como consultor assistente. O convite foi aceito, o que me levou a rescindir o contrato de trabalho com o IPEA e me transferir para o Recife.

Minha passagem pelo NAT/08 foi rápida, mas tive oportunidade de conhecer de perto experiências de administração de bibliotecas universitárias acompanhando algumas missões do núcleo. Tendo recebido o pedido de indicar um profissional para dirigir a Biblioteca Central da UFPB, dona Myriam sugeriu o meu nome, o que foi por mim aceito. Era a oportunidade de retornar ao meu estado natal.

Por correspondência datada de 11 de agosto de 1976, o presidente da Comissão Diretora da Biblioteca Central, professor José Elias, fez o encaminhamento do meu currículo ao reitor com a indicação para a

direção da Biblioteca Central, informando a disponibilidade para começar o trabalho imediatamente. Autorizado, o expediente foi despachado para o Departamento de Pessoal providenciar a contratação.

Rapidamente fiz a minha transferência para João Pessoa. Em uma manhã, acompanhado pelo professor José Elias, fui entrevistar-me com o professor Lynaldo, que eu não conhecia. Pensei comigo que, como iria encontrar um reitor, o mais apropriado era usar um terno. Assim me apresentei. Qual foi a minha surpresa?! Dr. Lynaldo estava em mangas de camisa. A conversa foi pouca (acho que nem me sentei), como era do seu estilo, não perder tempo. Mas foi o suficiente para entender o que ele pretendia: consolidar a Biblioteca Central como órgão de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade, ou seja, implantar uma nova Biblioteca Central. E me deu carta branca para isso.

Naquele momento, lembro que cruzei com uma pessoa da minha faixa de idade. Uma figura meio descolada. Com barba e cabelos compridos, destoava comple-

tamente dos padrões acadêmicos do momento. Era o professor Álvaro Braga que o reitor cooptou para trabalhar na universidade como pró-reitor de planejamento. Tornou-se um dos meus aliados mais próximos e ficamos amigos por toda a vida.

Ato contínuo, passei no departamento de pessoal para assinar o contrato, datado de 23 de julho de 1976, para a prestação de serviços de assessoramento superior junto à Biblioteca Central na função de diretor.

O Início do Trabalho na Biblioteca Central

Imediatamente lancei-me ao trabalho e dirigi-me à biblioteca que funcionava no prédio da antiga Faculdade de Educação. Não encontrei nenhum documento nos arquivos ou informações sobre os antecedentes. Tampouco alguém se apresentou para contar a história e fazer as apresentações ao pessoal que atuava naquele momento. Não esperei e nem perdi tempo. Fui me apresentar e conhecer as bibliotecas setoriais e seus funcionários.

Com a ajuda de Leda Dutra, Edna Torreão, Ana e Mariana Uchoa, pude reconstituir o panorama das bibliotecas naquele momento:

- no CCEN havia a biblioteca de matemática, coordenada por Maria de Lourdes Arruda Melo; a de física, por Leda Jurema Dutra; a de química, por Helena Rotta. Outros departamentos não tinham bibliotecas;
- o CT tinha uma só biblioteca coordenada por Carmen de Farias Panet;
- no CCHLA a biblioteca era coordenada por Mariana Farias;
- na biblioteca do CE, atuava Ana Helena Wanderley;
- no CCSA não havia bibliotecário e uma pequena biblioteca era cuidada por um funcionário sob a supervisão da professora do Departamento de Biblioteconomia, Bete Baltar. Na coordenação do mestrado em administração estavam Marília Guedes Pereira, Norma Nogueira e Eliane do Egito;
- o CCS reuniu os acervos de alguns departamentos sob a direção de

> Consuelo Montenegro Abath, onde atuavam as bibliotecárias Diana Lemos e Selma Lianza Dias. O Departamento de Farmácia tinha uma biblioteca sob a responsabilidade de Diana Helen; no Departamento de Odontologia, localizado no centro da cidade, a biblioteca estava a cargo de Isabel Lemos.

A Biblioteca Central contava com as bibliotecárias Maria Yvette Bezerra Cavalcanti, Maria das Neves de Oliveira e Silva (Nevinha) e Ana Maria Uchoa de Castro.

Em Campina Grande, no CCT, atuavam Judite Guimarães dos Santos, Marilda Macedo e, em Areia, no Centro de Ciências Agrárias, Emeide Nóbrega Duarte.

Todos os profissionais com quem conversei foram receptivos e atenciosos.

As Instalações da Nova Biblioteca Central

A organização da nova biblioteca, com a centralização dos acervos conforme as orientações da reitoria, foi apresentada em uma reunião dos dirigentes universitários,

diretores de centros e chefes de departamentos, realizada no Hotel Tambaú.

Adaptados os salões dos galpões da antiga Faculdade de Educação, pouco a pouco os livros foram transferidos das bibliotecas setoriais e organizados segundo as áreas do conhecimento. Placas indicativas foram instaladas orientando a localização dos acervos.

A abertura do funcionamento da nova Biblioteca Central foi marcada por uma solenidade que contou, além do reitor e dos dirigentes universitários, com a presença do ministro José Américo de Almeida, um dos idealizadores da universidade. Na ocasião, o reitor anunciou a destinação de 7,5 milhões de cruzeiros para a aquisição de material bibliográfico, originados de recursos próprios da universidade e de convênios com diversos órgãos.

Na ocasião, tive a oportunidade de acentuar a nova estrutura bibliotecária da UFPB, agora fortalecida pelo reitor, transformada em núcleo de todo o sistema. A Biblioteca Central passava a ser, também, a executora de toda a política de aquisições bibliográficas da universidade.

Enfatizei, ainda, a cooperação estabelecida com órgãos como o INL, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), a UnB, a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), CAPES e outros, para dinamização do serviço de bibliotecas da universidade.

Dessa maneira, a nova Biblioteca Central foi apresentada à comunidade universitária e passou a funcionar efetivamente.

Na mesma ocasião foi instalado o Pro-

Figura 1. Inauguração das instalações da Biblioteca Central no prédio da antiga Faculdade de Educação. Da esquerda para a direita: Paulo Pires, chefe de gabinete da reitoria; Luiz Antonio Gonçalves da Silva, dire-tor da Biblioteca Central; Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, reitor da UFPB; ministro José Américo de Almeida.

grama de Pesquisa de Literatura Popular (PPLP) de cuja comissão coordenadora participei, com os professores Idelette Rosette Muzart Fonseca dos Santos, Altimar de Alencar Pimentel, Átila Augusto Freitas de Almeida e Rosa Maria Godoy Silveira (portaria R/DO/DCCC /n.º 325, de 14 de julho de 1977).

Tendo em vista a necessidade de pessoal, o reitor autorizou a primeira contratação para a Biblioteca Central. Após a seleção de currículos, realizada com a participação da professora Neuza Costa, do Departamento de Biblioteconomia, foram contratadas: Berta Margarete Sitônio, Rosa Lia Montenegro Cavalcante e Gisélia Bernardes da Silva. Posteriormente, foi integrada ao grupo Edna Maria Torreão Brito, que veio transferida de Brasília. Aos poucos, outros profissionais foram se juntando ao quadro da biblioteca. Deixo de mencionar outros nomes para não cometer a injustiça de ficar algum de fora. Gostaria de poder lembrar todos.

O Desenvolvimento do Acervo

Os desafios das aquisições bibliográficas

O primeiro problema enfrentado foi a implantação de um processo de aquisição bibliográfica célere que, em conformidade com os procedimentos legais, pudesse acompanhar o ritmo de crescimento da universidade.

A cada momento o reitor disparava bilhetes: *livros para o curso a; livros para o curso b...* Era preciso providenciar rapidamente a compra da bibliografia mínima exigida pelo MEC para que a abertura dos novos cursos pudesse ser autorizada.

O mercado livreiro em João Pessoa era limitado e pouca era a experiência do pessoal na aquisição desse tipo de material, especialmente publicações estrangeiras, pois em tempos de inflação galopante o câmbio mudava constantemente.

Mais uma vez, o NAT/08 veio em auxílio. Naquele momento, Zuleide Medeiros de Souza tinha se aposentado como diretora da Biblioteca Central da UFPE e estava disponível para começar um novo trabalho. Aceitou o convite e veio trabalhar na UFPB assumindo a responsabilidade pela aqui-

sição dos materiais bibliográficos. Logo colocou as mãos à obra.

Passando a morar em João Pessoa, Zuleide chegava na segunda-feira pela manhã e voltava para o Recife na sexta-feira. Levava debaixo do braço as listas dos livros e agia junto às livrarias locais para realizar as compras. Tudo conforme as normas administrativas. No retorno a João Pessoa, trazia no seu fusca os livros comprados. A sua agilidade ficou conhecida na administração da Universidade. Em uma reunião do Conselho Universitário (se não estou enganado), o reitor a ela se referiu "como a veínha [*sic*] que comprava livros com gosto de gás". Com a aprovação do regimento da biblioteca, Zuleide assumiu, formalmente, a chefia do Departamento de Desenvolvimento das Coleções.

Apesar de sua vasta experiência, Zuleide com espírito generoso e colaborativo, muito contribuiu para a implantação da nova biblioteca. Posteriormente, foi transferida para o Departamento de Biblioteconomia, onde passou a lecionar. Foi a primeira editora da revista *Informação & Sociedade: Estudos*.

Figura 2. 3° Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Primeira fila da esquerda para a direita: Leda Jurema Dutra, Zuleide Medeiros de Souza, Luiz Antonio Gonçalves da Silva e Maria Carmen Romcy de Carvalho.

A participação em programas de intercâmbio

Para incrementar a obtenção de livros e periódicos por meio de intercâmbio, a biblioteca passou a participar das atividades de permuta com entidades nacionais, como a UnB, a Universidade de São Paulo, entre outras. No âmbito internacional, filou-se à Universal Serials and Book Exchange (USBE), organização internacional

sem fins lucrativos, sediada em Washington, DC (EUA). Através desse programa, a biblioteca pôde ir completando as coleções de vários títulos de periódicos.

A filiação ao USBE ocorreu durante a visita por mim realizada à organização durante minha passagem por Washington por ocasião de minha estada nos Estados Unidos para participar de estágio de aperfeiçoamento em administração de bibliotecas na Michigan State University.

A doação da universidade de Michigan

Entre 1976/77, a biblioteca recebeu significativa doação bibliográfica da Michigan State University (MSU). Por indicação do reitor, participei de curso sobre administração e planejamento de bibliotecas universitárias promovido pela MSU, em East Lansing, de 1 de julho a 15 de agosto de 1977. Na ocasião, verifiquei que a biblioteca da universidade dispunha de um considerável número de coleções de periódicos que poderiam ser doados. Apoiado pelo convênio entre o MEC e a MSU, consegui que fossem doados à UFPB. A doação foi apoia-

da pelo dr. Richard Chapin, diretor-geral das bibliotecas da MSU, e pela doutora Tamara Brunnschweiler, coordenadora do curso de treinamento. A universidade não teve despesa alguma. Os títulos referentes à agronomia foram encaminhados à biblioteca setorial do campus de Areia.

Aquisição feita à UNICAMP

Uma aquisição vantajosa para a biblioteca foi feita por intermédio da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A Universidade havia feito a aquisição de uma grande quantidade de material bibliográfico nos Estados Unidos, transportada em contêineres. A compra resultou em certo número de duplicatas. O reitor, que mantinha boas relações com o Coordenador da Administração Geral da UNICAMP, Zuhair Warwar, manteve entendimentos preliminares para adquirir esse material para a UFPB, e me orientou a ir a Campinas tratar do assunto. Com essa aquisição, a biblioteca pôde incrementar o acervo.

A coleção Brasiliana

No âmbito do programa de fortalecimento da coleção básica da biblioteca, foi realizada a aquisição da coleção Brasiliana completa, editada pela Companhia Editora Nacional. O conjunto já era considerado raro na época. A compra foi realizada na Livraria Brandão, do Recife, conhecida por comercializar livros raros. Os recursos foram originários do convênio do Mestrado em Administração, coordenado pelo professor Wilson Marinho.

Lembro que fui tratar pessoalmente dessa compra na casa do dono da Livraria, sr. Brandão, em Olinda, onde havia um grande depósito de livros. Estava acompanhado da professora Neuma Feschine Borges, que fez uma visita ao conhecido colecionador pernambucano de literatura de cordel, Liedo Maranhão, para tratar de intercâmbio com o PPLP que já era um programa parceiro da Biblioteca Central.

A coleção de referência

Com recursos do convênio MEC/BID II foram feitas aquisições de títulos básicos para a coleção de referência. Entre os vários tí-

tulos, foi comprada a edição fac-símile da *Encyclopédie,* de Diderot e d'Alembert. Um dos parceiros foi a Livraria Kosmos, de São Paulo.

Uma aquisição frustrada

Chegou ao meu conhecimento a existência de uma coleção da *Flora brasiliensis*, de Karl Friedrich Philipp von Martius, em um órgão do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), em São Gonçalo, no município de Sousa. Surgiu a ideia de a possibilidade dessa coleção ser transferida para a Biblioteca Central. O prefeito da cidade universitária, professor Luiz Almeida, encarregou-se de fazer a sondagem. Dentro de algum tempo ele me procurou e, com o humor que lhe era peculiar, disse: diante do pedido da *Flora* levantou-se uma fauna irada. O assunto morreu e entrou para o anedotário.

A coleção Paraibana

Especial atenção foi dada à formação da coleção paraibana, composta de livros

de autores paraibanos e sobre a Paraíba. Muito ajudou nessa tarefa a colaboração do historiador Horácio de Almeida, autor da obra *Contribuição para uma bibliografia paraibana*. Embora radicado no Rio de Janeiro, dr. Horácio visitava sempre João Pessoa. Numa dessas ocasiões esteve na Biblioteca Central e, conhecendo o projeto da *Paraibana*, prontificou-se a colaborar. Valendo-se de seus contatos junto a livreiros do Rio de Janeiro, localizou títulos raros a serem comprados. Por seu intermédio, por exemplo, a biblioteca adquiriu vários números do *Almanak do Estado da Paraíba* para completar a coleção. A coleção foi enriquecida com o recebimento da doação de uma coleção completa da revista *Nova Era*, periódico paraibano, quinzenal, e ilustrado, que circulou entre 1921 e 1925.

Livros expurgados e censura

Chegou ao meu conhecimento que certa quantidade de livros foi retirada da Biblioteca Central por serem considerados subversivos. Estavam guardados no pré-

dio da Academia de Comércio Epitácio Pessoa, situada na Praça João Pessoa. Resolvi procurar esses livros. Realmente, lá estavam empacotados e guardados. Sem nenhum alarde, peguei os pacotes e os livros foram reincorporados à biblioteca. Certamente faziam parte da lista dos livros proibidos pelo Ministério da Justiça. No período de 1964 a 1979, essa listagem chegou a conter mais de 500 títulos.

Em 1978, a biblioteca foi alvo da censura federal. Por determinação do Ministério da Justiça, foi expressamente proibida a utilização por parte dos estudantes de uma relação de livros "de caráter socialista", entre eles *O capital*, de Karl Marx. O acesso a tais obras só poderia ser permitido aos professores por meio de requisição específica. O assunto foi noticiado pelo *Correio da Paraíba*, de 11 de agosto de 1978, com uma matéria intitulada *Universidade tem sua biblioteca censurada*. Essa medida não produziu efeitos, pois, em outubro de 1978, foi promulgada a emenda constitucional número 11, que revogou o AI-5 a partir de 1º de janeiro de 1979 e fez arrefecer a censura no país.

A criação do ex-líbris

Por volta de 1979, foi criado o ex-líbris da biblioteca, a ser colocado nos principais livros da coleção. A marca, que teve como inspiração os motivos gravados na Pedra do Ingá, foi desenhada pelo artista plástico Raul Córdula, do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) da universidade.

A Iniciativa para Automação dos Serviços

Em época em que a automação de bibliotecas era incipiente. com poucas experiências, foram iniciados estudos para a automação dos serviços. Para isso, contou-se com a participação do Núcleo de Processamento de Dados do Centro de Ciências e Tecnologia, sediado em Campina Grande, na pessoa de José Leônidas Maciel.

O primeiro sistema desenvolvido foi o de catalogação, onde foi utilizado o formato CALCO/CIMEC que apresentou resultados preliminares. A experiência foi comunicada na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v. 8, n. 2, 1980, p. 247-248.

A Instalação da Biblioteca Central no Edifício da Reitoria

De acordo com sua política de consolidação do *campus* universitário de João Pessoa, o reitor decidiu transferir a reitoria que estava localizada no centro da cidade. Para tanto, a Prefeitura Universitária, dirigida pelo professor Luiz Almeida, realizou em tempo recorde o acabamento de partes do prédio inacabado existente no centro do *campus* para nele abrigar a reitoria e a Biblioteca Central, cujas instalações na antiga Faculdade de Educação já estavam saturadas.

Vale esclarecer que o prédio em questão era uma grande estrutura destinada à Biblioteca Central, cuja construção estava paralisada. O projeto, realizado por concurso público em 1968, foi de autoria do renomado arquiteto carioca radicado em Pernambuco, Acácio Gil Borsoi, que teve um papel fundamental na moderna arquitetura do Nordeste.

As novas instalações foram inauguradas no dia 16 de outubro de 1978. Para lá foi transferido o acervo já reunido no

prédio da antiga Faculdade de Educação e os de outras bibliotecas setoriais que não haviam sido ainda centralizadas. Dessa forma, com a centralização dos acervos, que chegou a 70 000 volumes, e a reunião dos serviços técnicos, estavam cumpridas as novas orientações dos serviços bibliotecários da universidade definidas em 1976.

O ato teve ampla cobertura da imprensa e mereceu matéria de destaque de autoria do jornalista Rubens Nóbrega no jornal *A União*.[1]

A área ocupada pela biblioteca foi de cerca de 2 500 metros quadrados, abrangendo o térreo e alguns andares da torre do edifício.

Dessa maneira, foi possível implantar a estrutura básica dos serviços composta das seguintes seções:

- Referência – composta pela coleção de obras de referência e serviço de atendimento e orientação aos leitores e empréstimo;
- Informação e Documentação – ser-

[1] Biblioteca Central inaugura amanhã novas instalações. *A União*, 15 de out. de 1976.

viço destinado a realizar levantamentos bibliográficos e busca e obtenção de cópias de documentos utilizando serviços existentes no Brasil e no exterior como a Lending Division da British Library, o Serviço de Reprodução do Centro Universitário de Documentação Científica e Técnica (CUDST) da Aliança Francesa em São Paulo; da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Subsistema de Informação e Documentação Educacional (SIDE), da CAPES; do IBICT e da BIREME.

- Multimeios – Composto de documentos não convencionais, como videocassetes, fitas sonoras, slides, discos e outros.
- Coleções Especiais – Abrangiam a Coleção Paraibana, a Coleção Brasiliana, a Coleção Documentos Brasileiros e a Coleção Portuguesa. A coleção foi enriquecida com a aquisição de um acervo de partituras acompanhado de alguns instrumentos musicais.

- Periódicos. Naquele momento, a coleção já atingia o número considerável de 4 810 títulos. Para complementar o serviço, a Biblioteca reforçou a participação no Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos (CCN), coordenado pelo IBICT.

Serviços internos:

- Desenvolvimento das Coleções – Seleção, Aquisição e Intercâmbio.
- Processamento técnico.

O pessoal envolvido nos serviços chegou a cerca de 125 funcionários, dos quais 25 bibliotecários.

O horário de funcionamento foi de 7 h 30 às 22 h, de segunda-feira a sexta-feira, aos sábados até 17 h e aos domingos de 8 h às 12 h.

A estrutura e os novos serviços da biblioteca foram apresentados oralmente na IV Assembleia das Comissões Permanentes da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), realizada em São Paulo de 12 a 18 de agosto de 1978. Na ocasião foi criada a Comissão Brasileira de

Bibliotecas Universitárias (CBBU), tendo meu nome sido escolhido como presidente.

A Criação do Sistemoteca

Considerando a necessidade de um documento para orientar as atividades bibliotecárias da universidade, foi elaborado o regulamento. O trabalho foi assessorado pelo NAT/08 na pessoa do consultor Paulo Cassundé. Com a sua presença, por meio de visitas periódicas, eram feitas discussões com o corpo técnico. Ao final, foi elaborada a minuta do documento no qual aparece cunhado o termo SISTEMOTECA para designar o sistema de bibliotecas da universidade.

O regulamento foi aprovado pelo Conselho Universitário da universidade em reunião do dia 7 de agosto de 1980, como parte integrante da Resolução 201/80.

Conforme o artigo 1º do regulamento o SISTEMOTECA foi definido como um conjunto de bibliotecas integradas sob os aspectos funcional e operacional, tendo por objetivo a unidade e harmonia das atividades de coleta, tratamento, arma-

zenagem, recuperação e disseminação de informações, para apoio aos programas de ensino, pesquisa e extensão.

Segundo o artigo 3º, as funções do sistema eram de mecanismo alimentador dos planos e programas da universidade de maneira a suprir em caráter permanente as atividades de ensino, pesquisa e extensão com as informações necessárias disponíveis. Por outro lado, deveria servir à comunidade paraibana nos seus objetivos relacionados à educação, cultura e pesquisa. Desta forma, previa-se a articulação do sistema com a sociedade.

Atividades da Biblioteca Central como Centro Cultural

As instalações mais amplas permitiram que a Biblioteca Central funcionasse não apenas como um depósito de livros, mas também como "um centro dinâmico de cultura" como declarou o reitor. Iniciou-se a organização de mostras e exposições. Também foram decorados os ambientes com obras de artistas paraibanos e do artesanato local. O grande destaque foi

a obtenção da reitoria do tríptico do artista plástico Miguel dos Santos, que foi colocado na área do serviço de empréstimo. Antes, essa obra estava na sala do Conselho Universitário. Para a decoração dos ambientes foram selecionadas peças do artesanato local e obras de artistas paraibanos, como o ceramista Antonio Paschoal Régis, Tota, e do tapeceiro e gravurista Olívio Luiz, radicado em Nova York.

As principais exposições realizadas foram as seguintes:

João Pessoa e a Revolução de Trinta. Esta exposição marcou o início das atividades

Figura 3. Abertura da exposição João Pessoa e a Revolução de 30. Da esquerda para a direta: Lavínia Cavalcanti de Melo; Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque; Luiz Antonio Gonçalves da Silva, entre outros.

da biblioteca no prédio da reitoria. Organizada pelas bibliotecárias Edna Torreão Brito e Babyne Neiva Gouvêia Ribeiro, englobou obras básicas sobre o tema e outros materiais como folhetos de cordel e fotografias. A Editora Universitária, dirigida pelo professor Francisco Pontes, publicou um catálogo para distribuição aos visitantes. Continha uma introdução elaborada pelo professor Pedro Nicodemos e o catálogo das obras expostas, selecionadas e comentadas pelo professor e historiador José Octávio. Complementava a mostra um conjunto de fotografias sobre João Pessoa que já tinha percorrido várias cidades do estado. O evento esteve inserido nas comemorações do centenário de nascimento de João Pessoa.

Plantas medicinais do estado da Paraíba. A mostra consistiu na montagem de barracas que lembravam as feiras livres do interior do estado, onde foram expostos exemplares da farmacopeia do estado. Foi organizada pela professora Maria de Fátima Agra, do Laboratório de Tecnologia Farmacêutica (LTF), então dirigido pelo professor Delby Fernandes Medeiros.

Livros Franceses Técnicos e de Medicina. Com o apoio do Consulado Geral da França, em Recife, apresentou uma seleção de livros técnicos franceses e de medicina.

Tendências Culturais. Mostra realizada em conjunto com o Núcleo de Arte Contemporânea, apresentou um conjunto de obras sobre diferentes tendências culturais.

Livro com arte. Organizado em parceria com o Núcleo de Arte Contemporânea, teve "o propósito de informar o que se está fazendo nesse campo de expressão, utilizando o livro como objeto de arte, desvinculando-o de seu caráter puramente literário e de padronização industrial", como disse o professor Silvino Espínola, organizador da exposição. Contou com a participação de artistas paraibanos, como o já consagrado internacionalmente Antonio Dias, e de outros estados.

Centenário de nascimento de Albert Einstein, 1879–1979 (março de 1979). Consistiu na exposição bibliográfica do acervo existente na biblioteca sobre Albert Einstein.

Planejou-se a realização de uma ex-

posição sobre José Américo de Almeida. Contatos preliminares nesse sentido foram feitos com dona Lourdinha Luna, sua secretária. Infelizmente, o projeto não foi concretizado.

O Projeto do Novo Edifício

Durante o reitorado de Lynaldo Cavalcanti, a UFPB, não só o *campus* universitário de João Pessoa como também os *campi* do interior foram alvos de um arrojado programa de construção. "O maior programa de obras existentes no país, no espaço de quatro anos", como foi publicado na imprensa. De fato, com recursos de diferentes programas, convênios e próprios, várias obras foram realizadas como o Centro de Ciências da Saúde, a ampliação do Hospital Universitário, do Centro de Tecnologia, do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, do Conjunto Humanístico, do Laboratório de Tecnologia Farmacêutica e do Restaurante Universitário. Dentro desse conjunto de obras, foi também iniciada a construção do prédio definitivo da Biblioteca Central.

Tomando por base um programa de construção elaborado na Prefeitura Universitária, o anteprojeto do edifício foi aprovado pelo PREMESU em comunicado enviado ao reitor pelo diretor-geral do Programa, professor Rubem Süffert, por volta de maio de 1978. Com base na análise efetuada pela Gerência de Construção do Escritório Técnico Administrativo da universidade, o projeto final foi concluído.

O projeto foi de autoria do professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da UNB, arquiteto José Galbinski, com a colaboração de Armando de Carvalho, arquiteto da Prefeitura Universitária. Galbinski era uma referência nacional na área de arquitetura de bibliotecas universitárias com seu projeto do edifício da Biblioteca Central da UNB.

A assinatura do contrato para a construção do edifício ocorreu no dia 1° de dezembro de 1978, nas instalações provisórias da Biblioteca Central. O valor da obra foi de 44,3 milhões de cruzeiros, o maior valor contratado até então pela universidade dentro do programa MEC/BID II (PREMESU IV).

O contrato para a construção foi assinado pelo reitor Lynaldo Cavalcanti e o diretor da empresa vencedora da concorrência pública, engenheiro Luiz Sálvio Dantas. A construtora foi a firma paraibana Sotema Engenharia, Comércio e Indústria Ltda.

O novo edifício foi projetado com uma área útil de 8 200 m², em três pavimentos, com capacidade para armazenar 500 000 volumes e oferecer cerca de 1 000 postos de estudo. O prazo de construção foi estimado em 390 dias. Em 1981 ocorreu a mudança para o novo edifício e a inauguração oficial aconteceu em 1984, sendo diretora a bibliotecária Lêda Maria Jurema Dutra.

O Instituto Paraibano do Livro

Em janeiro de 1975, a universidade recebeu proposta de doação de uma coleção de livros. Em troca, assumiu o compromisso de criar o Instituto Paraibano do Livro, obrigação essa firmada em escritura pública, datada de 20 de janeiro. O doador foi o sr. João Guimarães Barreto, literato paraibano radicado no Rio de Janeiro.

Por meio de correspondências frequen-

tes, o sr. Guimarães Barreto cobrava o cumprimento do acordo, tendo inclusive visitado a universidade em uma ocasião. Em 1978, por determinação do reitor, fui ao Rio de Janeiro tratar da remessa dos livros para a universidade. A coleção, composta quase exclusivamente de biografias, ocupava alguns cômodos de um pequeno apartamento em Copacabana, de propriedade de Guimarães Barreto. Contratada uma transportadora, os livros foram despachados. Fez parte da doação uma gravura (ou cópia) atribuída a Frans Post, denominada *Parayba,* que trouxe pessoalmente, e foi colocada em destaque na sala da Coleção Paraibana.

A criação e o estatuto do Instituto Paraibano do Livro foram aprovados pelo Conselho Universitário em reunião de 3 de outubro de 1979. O Instituto foi instalado em uma das dependências da biblioteca, ficando sob a responsabilidade inicial de Maria Yvette Bezerra Cavalcanti.

Também fazia parte do acordo entre a universidade e Guimarães Barreto a publicação de títulos de autores paraibanos. Entre os publicados pela Editora Univer-

sitária estão *Versos* e o *Brasileiro da Sing-Sing e outros contos da América* de autoria de Artur Coelho.[1]

Oportunidades para Intercâmbios

Para estreitar os laços da biblioteca visando possíveis intercâmbios, foram feitas visitas a conhecidos colecionadores da Paraíba.

Uma dessas visitas, intermediada por Edna Torreão Brito, foi ao dr. Maurílio de Almeida. Em uma noite, fui recebido em sua residência, no Cabo Branco, e mostrou-me a sua vasta biblioteca. Falecido em 1992, a coleção é hoje mantida por familiares.

Em outra ocasião, fui visitar o professor Humberto Nóbrega, ex-reitor da universidade. Mostrou-me com muita atenção a sua coleção, onde se destacava um rico acervo de fotos, hoje depositada no Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ).

[1] Escritor paraibano, foi precursor do jornalismo no estado ao lançar o jornal *O Município*, o primeiro a circular na cidade de Itabaiana. Emigrou para os Estados Unidos, onde exerceu a função de diretor do departamento de propaganda e tradução de filmes da Paramount Pictures para o Brasil.

O XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

A visibilidade adquirida pela nova biblioteca central da universidade a credenciou a sediar o congresso brasileiro de biblioteconomia. A candidatura, da qual fui um dos articuladores, foi apresentada por Edna Maria Torreão Brito, então presidente da Associação Profissional dos Bibliotecários da Paraíba e aprovada no 10º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia

Figura 4. Reunião preparatória do XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Da esquerda para a direita: Jerusa Lyra de Lucena, Zuleide Medeiros de Sousa, Aníbal Rodrigues Coelho, Maria Neusa de Morais Costa, Luiz Antonio Gonçalves da Silva e Edna Maria Torreão Brito.

e Documentação, realizado em Curitiba, Paraná, em julho de 1979.

Os bibliotecários da Paraíba uniram-se e empenharam-se na organização do evento, que teve o apoio da universidade. Contou-se no início com a assessoria do bibliotecário Aníbal Rodrigues Coelho, de Brasília, que foi um dos responsáveis pela organização do congresso de Brasília. A realização foi da Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, cuja presidente era Jerusa Lyra de Lucena. O evento aconteceu no Hotel Tambaú de 17 a 22 de janeiro de 1982.

O tema central foi Biblioteca e Educação Permanente, com o objetivo de "despertar o bibliotecário brasileiro para o papel que a biblioteca pode e deve desempenhar no sistema formal e não formal de educação e conscientizar os profissionais da área de educação de que sem bibliotecas o processo educativo não atingirá a sua eficácia". A temática foi considerada inovadora e instigante, dada a ênfase no papel social da biblioteca. Na época, o recém-criado mestrado em biblioteconomia da UFPB tinha como área de concentração a biblioteca pública.

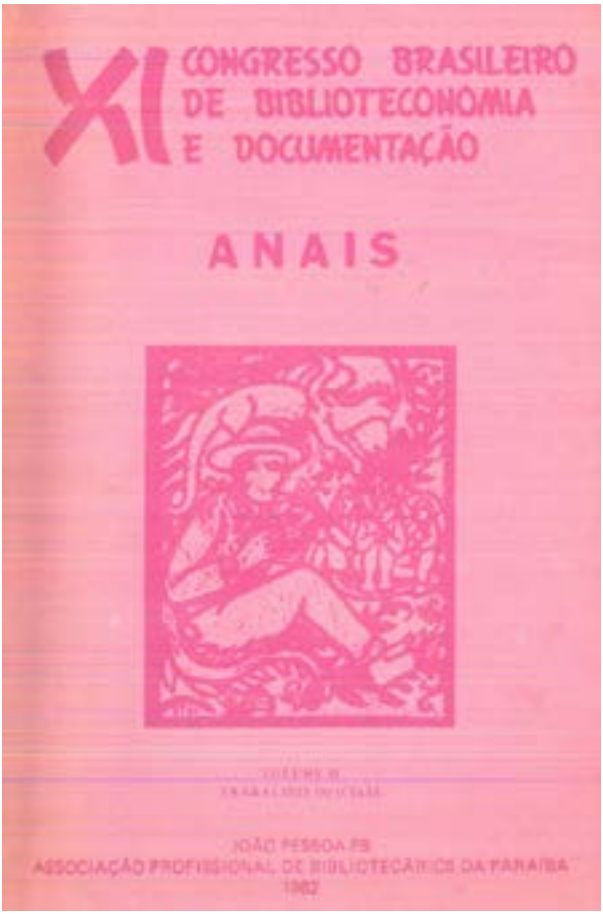

Figura 5. Capa dos *Anais do XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, 1982. Baseada no cartaz do congresso criado pelo artista plástico Flávio Tavares.

O cartaz do evento foi baseado em um desenho de inspiração armorial de autoria do artista Flávio Tavares, que aceitou graciosamente o convite em uma visita que fiz à sua casa juntamente com a bibliotecária Babyne Neiva de Gouveia Ribeiro.

O ponto alto do congresso foi a participação do educador Paulo Freire, que tinha retornado ao Brasil, em junho de 1980, com a palestra *Alfabetização de adultos e bibliotecas populares*.[1] A portadora do convite foi Zuleide Medeiros de Souza, amiga

Figura 6. Entrega de placa a Myriam Gusmão de Martins durante o XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1982, pelos serviços prestados à biblioteconomia, especialmente no Nordeste.

[1] A palestra fez parte da coletânea: FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

de Paulo Freire, que a chamava carinhosamente de Zuca. Outros conferencistas de destaque foram José Marques de Melo, Walter Esteves Garcia, Aloísio Magalhães e os estrangeiros Victor Flusser, Pierre Futer e Robert Escarpit.

A Relação da Biblioteca Central com o Curso de Biblioteconomia

A biblioteca manteve relacionamento com o curso de biblioteconomia da universidade. Dessa forma, como diretor e professor colaborador, participei da comissão para realizar estudos e propor sugestões referentes à reformulação curricular do curso de biblioteconomia e do conteúdo programático de suas disciplinas, com os professores Jeruza Lyra Lucena e Carmen da Farias Panet (maio de 1977). E da comissão para preparar exposição de motivos com vistas à criação do curso de arquivologia, junco com as professoras Júlia Van Damme, Francisca Arruda Ramalho, Azenate Senna de Oliveira e Carmen Lúcia Siqueira Melo (abril de 1978).

Fui representante, como titular, do De-

partamento de Biblioteconomia e Documentação, junto ao colegiado do curso de biblioteconomia.

A Visibilidade da Biblioteca Central no Cenário Nacional

Como a universidade, sua biblioteca ganhou no período uma visibilidade nacional que pode ser comprovada nas seguintes visitas que recebeu:

- do primeiro diretor do IBICT, José Adolfo Vencovsky, para discutir a participação da universidade na Rede Nacional de Informação Científica. Na ocasião, o diretor fez uma apresentação da rede para professores e dirigentes universitários.
- Do dr. Abraham Sonis, diretor da Biblioteca Regional de Medicina da Organização Pan-Americana da Saúde, para discutir a participação da biblioteca no sistema de informação em saúde.
- De Alfredo Américo Hamar em maio de 1978 para apresentação

do projeto da Biblioteca Regional de Engenharia, ocasião em que fez uma palestra para os professores do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT), em Campina Grande. (maio de 1978),

- De Antonio Lisboa Carvalho Miranda, assessor da CAPES, para discutir a participação da Biblioteca Central no Sistema de Informação em Educação.
- De Emir José Suaiden, coordenador do sistema de bibliotecas do INL, para discutir a integração do estado no sistema nacional de bibliotecas públicas.
- De Antonio Gabriel, presidente da FEBAB, para debater o movimento associativo.
- De José Rincon Ferreira, bibliotecário do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CPED), da Bahia.
- Do professor Antonio Agenor Briquet de Lemos, da UnB, que ministrou palestra durante a 1ª Semana de Estudos Bibliotecários da Paraíba, em outubro de 1978.

- De Zila Mamede, poeta e diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para participar da 1ª Semana de Estudos Bibliotecários da Paraíba. Na ocasião, foi realizado o lançamento do seu livro de poesias intitulado *Navegos*.
- De Lester Asheim, professor de biblioteconomia da University of North Carolina at Chapel Hill (EUA), em 1979.
- De Tamara Brunnschweiler, professora da Michigan State University (EUA), em 1979.
- Do professor Jacques Wilson, diretor-assistente de admissão para a América Latina da University of Miami (EUA), para discutir intercâmbio bibliográfico (março de 1979).

Presença dos pesquisadores Aldo Albuquerque Barreto e Gilda Braga, do IBICT, da professora Etelvina Lima, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da consultora da CAPES, Maria Lúcia Vilhena

Garcia, e outros, em reunião sobre pós-graduação em ciência da informação.

Participação das professoras Hagar Espanha Gomes, do IBICT, da professora Maria Lúcia Andrade Garcia, da UFMG, que, com a participação de docentes da UFPB, ministraram o curso de especialização sobre sistemas de bibliotecas públicas em 1979.

A universidade ainda sediou, em 1980, o V Encontro Nacional de Biblioteconomia e Documentação (ENEBD) com o tema: biblioteconomia e realidade brasileira; mercado de trabalho e participação estudantil.

O Espaço Cultural de João Pessoa

Tive a oportunidade de participar juntamente com outras pessoas da área cultural, em uma reunião para supostamente discutir a criação de um espaço cultural, ideia do então governador do estado, Tarcísio Burity. Estava presente o arquiteto Sergio Bernardes, autor do projeto do icônico Tambaú Hotel, construído nas areias da praia de Tambaú, em João Pessoa, na

década de 1970. Ele tinha sido convidado pelo governador para desenvolver o projeto do espaço cultural. As ideias foram apresentadas rapidamente e o encontro encerrado com a justificativa de que o arquiteto teria que fazer um sobrevoo de helicóptero no local destinado à construção do espaço, no bairro de Tambauzinho. Não houve espaço para debates e perguntas. Fiquei com a sensação de que foi uma reunião para dar alguma legitimidade a uma decisão que já tinha sido politicamente tomada.

Conclusão

O término do reitorado foi no dia 13 de fevereiro de 1980. Em entrevista ao *Correio da Paraíba* quando fez um balanço dos quatro anos de trabalho, o reitor não deixou de mencionar a biblioteca: "procuramos [...] melhorar o acervo da biblioteca que conta atualmente com quase mil [títulos de] periódicos [...] Duplicamos o número de bibliotecários para melhorar a prestação de serviços".

Sucedeu-o na reitoria o professor Mil-

ton Ferreira de Paiva. Na entrevista que tive com ele, indiquei Lêda Maria Jurema Dutra para a direção da biblioteca, o que foi recebido positivamente. Lêda, uma das grandes colaboradoras, após relutância inicial, assumiu a direção e contribuiu para a consolidação da Biblioteca Central.

O dr. Lynaldo foi designado presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em Brasília.

Um dos órgãos vinculados ao CNPq era o IBICT, responsável pela política nacional na área. Fui convidado a assessorá-lo quando teve o seu primeiro encontro com o então diretor do IBICT, Paulo Moraes. Na ocasião, entreguei um documento com sugestões em relação ao IBICT. A primeira referia-se à transferência do instituto para Brasília com a finalidade de assumir a coordenação da política de informação em ciência e tecnologia. Fui convidado a integrar a equipe de trabalho do presidente do CNPq, o que me levou a retornar a Brasília.

Diagramação concluída
em 12 de outubro de 2024,
com o InDesign.
Texto em Bodoni, corpo 13/14,85
com notas em corpo 9.
Edição de 100 exemplares.
Impressão
Brasília
2024

Luiz Antonio Gonçalves da Silva formou-se em biblioteconomia pela Universidade de Brasília em 1973, onde também fez mestrado em 1986. Doutorou-se em ciência da informação pela Universidade Complutense de Madri, em 1994. Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação IBICT/UFRJ sobre as bibliotecas provinciais brasileiras no século XIX, em 2012. Trabalhou na Universidade Federal da Paraíba como diretor da Biblioteca Central e professor colaborador. Trabalhou ainda no CNPq e no IBICT.

Biblioteca Central da UFPB em 2010. Fonte: Erika D. A. dos Santos.